

Recordações revisitadas

José de Paula Ramos Jr.

L

ima Barreto, no ano de 1907, publicou na revista *Floreal*, dirigida por ele, os dois primeiros capítulos e parte do terceiro de seu romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. A revista deixou de circular em dezembro daquele ano. Desde então, até o fim do ano seguinte, o jovem escritor buscou em vão quem lhe editasse a obra em livro.

Encontrando fechadas as portas no Brasil, decidiu oferecer seus originais ao editor português A. M. Teixeira, por recomendação do amigo João Pereira Barreto. Antônio No-

JOSÉ DE PAULA RAMOS JR. é professor do curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP e autor de *Leituras de Macunaíma: primeira onda (1928-1936)* (Edusp/Fapesp).

ronha Santos, outro amigo dedicado de Lima Barreto, em viagem para a França, de passagem por Lisboa, foi portador do manuscrito.

O editor aceitou publicá-lo, desde que o autor abrisse mão de seus direitos. Lima não teve dúvida, o que lhe interessava era lançar o seu primeiro livro, que chegou pronto ao Brasil no final de 1909.

O texto dessa edição, porém, foi preparado pelo escritor português Albino Forjaz de Sampaio, que interferiu nos originais, como atesta o autor no agradecimento contido na “Breve notícia” que serve de abertura ao romance, quando de sua segunda edição. Nela, Lima Barreto reconhece que as *Recordações* “muito devem em correção” ao intelectual lusitano.

A despeito disso, Lima discordou de várias intervenções e as eliminou, restituindo a lição original na segunda edição, publicada em 1917 pela Tipografia da Revista dos Tribunais, com nova tiragem, no mesmo ano, por A. de Azevedo & Costa Editores. Como informa o frontispício do livro, essa edição fora “revista e aumentada”. Tal testemunho, último em vida do autor, contém, portanto, o texto do romance que serve, ou devia servir, de base para todas as edições subsequentes, que se multiplicaram após a primeira edição póstuma, da Editora Mérito, provavelmente de 1949, e, principalmente, após a edição como primeiro volume das *Obras de Lima Barreto* (17 volumes), dirigidas por Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e Manuel Cavalcanti Proença (Editora Brasiliense, 1956).

GÊNERO

Em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, o título já indica de modo inequívoco

que se trata de um romance memorialista. Não se trata, porém, de um exemplo “puro” desse gênero, pois, se tem qualidades para ser admitido como romance, a obra fica indecisa entre esse gênero mais exigente e o menos exigente dos gêneros em prosa – a crônica. Misto de romance e crônica, a narrativa é construída por meio da memória do narrador, Isaiás Caminha, que se propõe a contar a história de sua vida – “nascimento, infância, puerícia e mocidade”. Nessa medida, do ponto de vista do gênero, as *Recordações* podem ser também entendidas como um romance de formação. O processo de transformação interior do protagonista é acompanhado pelo leitor graças à narrativa confessional – acompanhamos as metamorfoses da vida psíquica de Isaiás, o seu mundo interior, porque ele mesmo é o narrador que, mais maduro, relata os acontecimentos vivenciados na juventude. Assim, seus pensamentos e sentimentos são comunicados pelo método de autoanálise, que vai construindo um perfil moral denso e contraditório, uma personalidade de rica psicologia, cuja mutabilidade determina sua condição de personagem esférica.

Envolvido pelos sentimentos do passado, que se projetam no presente – “recordar é viver”, como diz a marcha carnavalesca de Aldacir Marins e Macedo –, o narrador dá à narrativa um tom emocional, que pode ser particularmente constatado em suas intervenções mais ou menos frequentes na história, quer para comentá-la, quer para explicá-la, quer para explicar-se.

Sentindo na própria pele a discriminação racial e social, o mulato Lima Barreto confere ao relato um tom de revolta e ressentimento e uma perspectiva de denúncia e crítica crescentes, que por vezes

se sobrepõem à intenção de narrar. O autor projeta-se no narrador-protagonista, o mulato Isaías, para expressar sua revolta contra o meio hostil.

Numa carta dirigida a Lima Barreto quando da primeira edição, o crítico José Veríssimo encorajava o autor estreante com palavras amáveis:

“Sincera e cordialmente o felicito pelo seu livro. Há nele o elemento principal para o fazer superior, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhes, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real”¹.

Embora ressaltasse o talento artístico do autor, Veríssimo aponta que a obra apresentava um certo desequilíbrio, sendo o seu maior defeito o excesso de personalismo. Nessa perspectiva pode-se entender que Lima Barreto se identifica com o narrador-personagem e dá vazão a seu ressentimento contra a sociedade por meio de Isaías, que pode ser visto como o seu *alter ego*.

Duas críticas que noticiaram o lançamento da obra reconheciam também os méritos literários do autor, mas condenavam o romance. A primeira, de Medeiros e Albuquerque, saída na edição de 15/12/1909 do jornal *A Notícia*, lamentava o caráter panfletário do livro e o fato de ele pertencer ao gênero inferior dos *romans à clef*; a segunda, de Alcides Maia, publicada em

16/12/1909 no *Diário de Notícias*, era mais benevolente, mas ecoava a opinião de José Veríssimo ao indicar como defeito do livro o seu caráter excessivamente pessoal, dizendo: “O volume, vez por outra, dá a penosa impressão de um desabafo, mais próprio das seções livres que do prelo literário”.

Recordações do escrivão Isaías Caminha, certamente, não é obra autobiográfica, mas o autor emprestou à personagem de ficção muito de suas experiências reais, mas não só isso. Muitas personagens transfiguraram por meio da caricatura de personalidades reais do jornalismo e das letras da *belle époque*, o que dá razão a Medeiros e Albuquerque quando classificou a obra como um *roman à clef*.

Lima Barreto ficou desgostoso ao verem em sua obra apenas a caricatura ferina dos medalhões do jornalismo e das letras. Para ele, a maior preocupação seria a de demonstrar que o insucesso de Isaías não decorria de fatores intrínsecos à personagem, mas de fatores sociais. De fato, a primeira parte do livro pinta um quadro expressivo das adversidades de Isaías, num mundo degradado pelo egoísmo, ambição e preconceito.

Os primeiros sete capítulos, dos 14 que compõem a obra, aproximam-se do modelo de romance realista do século XIX. No prefácio atribuído ao suposto autor do livro, lê-se a intenção de se escrever obra de tese, literatura militante, como os romances naturalistas de Émile Zola. Isaías Caminha sente-se indignado com um artigo de revista onde se liam

“considerações desfavoráveis à natureza das pessoas do meu nascimento [negros ou mulatos], notando a sua brilhante pujança nas

1 Carta de José Veríssimo, datada de 5 de março de 1910 (Assis Barbosa, 1988, p. 151).

primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou, em regra geral, pela ausência deles” (Barreto, 1956, p. 40)².

Como se pode notar, a citação contém um preconceito etnocêntrico branco, europeu, de fundo determinista, muito difundido pelo cientificismo da época, segundo o qual as pessoas de raça negra ou mestiça seriam inferiores por condição biológica. Caminha decide escrever a história de sua vida na esperança de demonstrar, por intermédio dela, o equívoco da opinião disseminada e uma outra forma de encarar a questão.

PERSONAGENS

Como personagem, Isaías é um rapaz que sonhava sair da vida obscura de província, ir para a capital, formar-se doutor e conquistar geral reconhecimento de sua superioridade moral e intelectual, de acordo com a imagem que fazia de si mesmo. Rapaz pobre, mulato, culto, bom e talentoso, que tenta ascender na sociedade, Isaías é barrado pelo preconceito. Tinha tudo para realizar seu sonho, cultura, inteligência e determinação, mas, saindo de casa e chegando à cidade grande, o ingênuo jovem sofre com a indiferença e a má vontade das pessoas, experimenta a dor da humilhação, da miséria e da fome, até conformar-se com a posição humilde que assume na sociedade, a despeito de seus méritos. A determina-

ção, aos poucos, se extingue, perante as decepções amargas; a inteligência se embota perante a mediocridade e estupidez do meio em que circula; a cultura parece inútil, pois o dinheiro e os preconceitos são os valores que imperam na sociedade. Isaías não consegue transpor os obstáculos, que acabam por levá-lo ao fracasso.

Na primeira parte da obra, como bem assinalou Alfredo Bosi (2002), ao lembrar uma formulação de George Lukács, “a narração levaria ao coração da personagem os múltiplos episódios compostos à sua volta e que passariam a ser inerentes ao seu destino”, enquanto na segunda parte “a descrição, ao contrário, conteria sempre uma dose de exterioridade, valeria por seus efeitos miméticos ou decorativos, mas não se fundiria organicamente com os pensamentos e atos” do protagonista.

Como bem assinalou Francisco de Assis Barbosa (1988, p. 143),

“o livro como que se transforma, do meio para o fim, num verdadeiro panfleto contra a imprensa da época, em contraste, até certo ponto chocante, com o desenvolvimento harmonioso dos primeiros capítulos”.

Na segunda parte, que vai do oitavo capítulo ao último, dá-se uma mudança de registro. A personagem principal deixa de ser Isaías e passa a ser a imprensa; a narrativa de situações humanas vivenciadas no íntimo cede espaço à descrição de situações exteriores justapostas, estilhando a narrativa unificada em Isaías e provocando a dispersão em episódios fortuitos, que envolvem as diversas personagens da redação do jornal *O Globo*. Perdida a unidade orgânica da narrativa,

2 As demais citações do romance serão extraídas dessa edição, com a indicação do número da página somente.

esta se fragmenta, aproximando-se da forma mais superficial da crônica.

Apesar da ruptura do modo romanesco, que provoca o desequilíbrio apontado por José Veríssimo, o registro da crônica favorece a notável pintura da cidade do Rio de Janeiro, no tempo da grande reforma urbanística promovida pelo prefeito Pereira Passos, com o intuito de dar um aspecto cosmopolita à então capital da República. Ruas elegantes, largos, praças, bairros, prédios, o cais, o subúrbio, a Ilha do Governador, ambientes exteriores e interiores são desenhados como por sinédocos, em que detalhes expressivos sugerem uma impressão de todo, como a pequena enumeração de objetos e instalações do quarto de pensão em Rio Comprido, habitado por Caminha, sugere o ambiente do antigo palacete transformado em promíscuo cortiço.

O movimento de bondes, carruagens, multidões, personagens típicas, como jornalistas, políticos, policiais, militares, comerciantes, trabalhadores, lavadeiras, prostitutas de luxo ou decadentes, moradores de um cortiço suburbano animam as locações, sugerindo o dinamismo da vida, como pode ser observado no excerto que se transcreve como exemplo:

“De há muito que a rua parecia retomar a sua vida normal. Durante todo o dia os passeios se fizeram como nos dias comuns; repentinamente, porém, uns grupos que paravam no canto do Largo de São Francisco vaiaram a polícia. O esquadrão, com o alferes na frente, partiu como uma flecha e foi descendo a Rua do Ouvidor, distribuindo cutiladas para todos os lados. O pequeno vendedor de jornais não teve tempo de fugir e foi derrubado pelos primeiros cavalos e

envolvido nas patas dos seguintes, que o atiraram de um lado para o outro como se fosse um bocado de lama.

Quando suspenderam a carga, alguns populares trouxeram-no morto para o escritório do jornal. O cadáver estava num estado ignóbil: tinha quase todos os ossos partidos, o crânio esmagado e o ventre roto” (pp. 250-1).

Personagens que compõem a redação do jornal *O Globo* recebem tratamento mais detalhado, mas caricato, o que muito incomodou aqueles que se sentiram retratados. Como vimos, isso foi motivo para que o romance recebesse críticas negativas dos seus contemporâneos. No entanto, passado mais de um século das duas edições publicadas em vida do autor, são esquecidas as relações que as caricaturas mantêm com os referentes e adquirem uma função meramente crítico-humorística, com seus aspectos de deformação grotesca:

“Lembrei-me no dia seguinte dessa frase que o Raul Gusmão, um jovem jornalista, da amizade do Laje da Silva, pronunciou solenemente devagar no botequim do teatro, enquanto nos servíamos de bebidas. Disse-a com a sua voz fanhosa, sem acento de sexo e emitida com grande esforço doloroso. Falar era para a sua natureza obra difícil. Toda a sua pessoa se movia, se esforçava extraordinariamente; todos os seus músculos entravam em ação; toda a energia da sua vida se aplicava em articular os sons e sempre, quando falava, era como se falasse pela primeira vez, como indivíduo e como espécie. Essa sua voz de parto difícil, esse espumar de sons ou gritos de um antropoide que há pouco tivesse adquirido a palavra

articulada, deu-me não sei que mal-estar, que não mais falei até à sua despedida. Tive medo de que me fosse preciso empregar o mesmo esforço, que a minha palavra custasse também aquela grande dor já olvidada e vencida pela nossa espécie; e fiquei a ouvi-lo respeitosamente, tanto mais que nos tratou, a mim e ao padeiro, com tal desdém, com tal superioridade que fiquei entibiado, esmagado, diante do retrato que dele fiz intimamente, de um grande literato, universal e aclamado, espécie de Balzac ou Dickens, apesar dos seus guinchos de pitecantropo.

Falava e não nos olhava quase; errava os olhos – os olhos pequeninos dentro de umas órbitas quase circulares a lembrar vagamente uma raça qualquer de suíno – errava os olhos, dizia, pelo pátio do teatro, e quando nos fixava trazia uma expressão de escárnio que ele mantinha num razoável dispêndio de energia muscular” (pp. 67-8).

“[...] de perto, ali a dois passos de mim, o seu olhar fixo, atrás de fortes lentes, a testa baixa e fugidia, quase me fizeram duvidar que fosse aquele o Veiga Filho, o grande romancista de luxuoso vocabulário, o fecundo *conteur*, o enfático escritor a quem eu me tinha habituado a admirar desde os quatorze anos... Era aquele o homem extraordinário que a gente tinha que ler com um dicionário na mão? Era aquela a forte cerebração literária que escrevia dois e três volumes por ano e cuja glória repousava sobre uma biblioteca inteira? Fiquei pasmado. Com aquele frontal estreito, com aquele olhar de desvairado, com aquela fisionomia fechada, balda de simpatia, apareceu-me sem mobilidade, sem ductibilidade, rígido, sinistro e limi-

tado. Acresce que o branco da sua tez soava falso, e do seu espírito julguei logo, vendo o esforço que punha a escova na testa para ganhar diariamente terreno ao cabelo!” (p. 170).

De fato, qual a importância, atualmente, de saber que a personagem Raul Gusmão corresponde, na vida real, ao escritor João do Rio, e Veiga Filho representa o então afamado polígrafo Coelho Neto? A celebridade e o prestígio desfrutado por eles entre seus contemporâneos não impediram que a memória de João do Rio e de Coelho Neto ficasse mais e mais obscurecida com o passar do tempo. Aliás, a figuração satírica dos redatores e repórteres do jornal cumpre perfeitamente a função de representar personagens de ficção, como transparece na leitura atual das caricaturas e das ações dos caricaturados, de tal modo que é desnecessária a alusão a personalidades da vida real para a satisfatória compreensão da narrativa. Tais personagens são concebidas como típicas do campo jornalístico, de tal modo que, no conjunto, constituem uma espécie de personagem coletiva: a imprensa. A esse universo são dirigidas as palavras mais duras:

“Nada há tão parecido como o pirata antigo e o jornalista moderno: a mesma fraqueza de meios, servida por uma coragem de salteador; conhecimentos elementares do instrumento de que lançam mão e um olhar seguro, uma adivinhação, um faro para achar a presa e uma insensibilidade, uma ausência de senso moral a toda a prova... E assim dominam tudo, aterram, fazem que todas as manifestações de nossa vida coletiva dependam do assentimento e

da sua aprovação... Todos nós temos que nos submeter a eles, adúlá-los, chamá-los gênios, embora intimamente os sintamos ignorantes, parvos, imorais e bestas...” (pp. 145-6).

“[A imprensa] é a mais tirânica manifestação do capitalismo e a mais terrível também... É um poder vago, sutil, impessoal, que só poucas inteligências podem colher-lhe a força e a essencial ausência da mais elementar moralidade, dos mais rudimentares sentimentos de justiça e honestidade! São grandes empresas, propriedade de venturosos donos destinadas a lhes dar o domínio sobre as massas, em cuja linguagem falam, e a cuja inferioridade mental vão ao encontro, conduzindo os governos, os caracteres para os seus desejos inferiores, para os seus atrozes lucros burgueses...” (p. 146).

A imprensa, enfim, torna-se a personagem central da segunda parte do romance, como já foi assinalado. Assim, o protagonista Isaías Caminha, que ocupa o centro dos acontecimentos do primeiro ao sétimo capítulo, como que se converte em testemunha, deslocado para a periferia dos episódios narrados cujo centro passam a ser, na segunda parte, os casos e acasos vivenciados pelo coletivo do jornal *O Globo*. O narrador os observa a distância e ele não repercute de modo sensível na interioridade de Isaías Caminha. A narrativa, como também já foi assinalado, deixa de ter a forma romanesca, com os episódios encadeados, e se aproxima do tom da crônica, em que os episódios são justapostos e pouco dizem respeito às metamorfoses que se verificam na esfera moral de Isaías.

TRIBULAÇÕES DE ISAÍAS

O mundo interior do protagonista Isaías é exposto pelo narrador Isaías. Assim, observa-se que o mulato Isaías Caminha, desde a infância, identifica-se com a figura do pai, branco e culto, enquanto se sente tão diferente da mãe, negra e sem formação escolar, que chega a se envergonhar dela.

Na primeira juventude, quando sai da roça e viaja para o Rio de Janeiro, sente-se ferido pelo comportamento de um balconista que o desdenhara “em tom desabrido”, quando pedira o troco que demorava a ser entregue, enquanto atendia com respeito e “prazenteiramente” um rapaz loiro que fizera o mesmo pedido. Caminha não entende a razão da desigualdade, tenta decifrá-la examinando a sua aparência, mas sua ingenuidade o impede de atinar com o motivo da diferença de tratamento.

Já no Rio de Janeiro é intimado para depor na polícia, em razão de um roubo no hotel em que se hospedava. Na delegacia, ouve um escrivão referir-se a ele como o “mulatinho”. Tal palavra tinha uma conotação fortemente injuriosa, ainda em vigor atualmente, e o magoa como se tivesse levado uma bofetada. Esse episódio e muitos outros de natureza semelhante terminam por operar uma mudança no caráter de Isaías:

“– E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal ‘mulatinho’?”

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade,

portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se juntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso” (p. 110).

Interrogado asperamente pelo delegado, Isaías percebe a existência do preconceito geral que considerava inferiores, *a priori*, pessoas negras ou mulatas.

“Na viagem, vira-as [demonstrações de preconceito racial] manifestar-se; no Lage da Silva, na delegacia, na atitude do delegado, numa frase meio dita, num olhar, eu sentia que a gente que me cercava me tinha numa conta inferior. Como que sentia que estava proibido de viver e fosse qual fosse o fim da minha vida os esforços haviam de ser titânicos” (p. 124).

Após sofrer meses por falta de dinheiro e fome, Isaías consegue o emprego estável, mas humilde, de contínuo do jornal *O Globo*. Muda-se, então, para um cortiço no subúrbio carioca de Rio Comprido, onde observa “de que maneira forte a miséria prende solidamente os homens”, embora a solidariedade se desfizesse imediatamente perante qualquer demonstração de hostilidade:

“Num cômodo (em alguns) moravam às vezes famílias inteiras e eu tive ali ocasião de observar de que maneira forte a miséria prende solidamente os homens.

De longe, parece que toda essa gente pobre, que vemos por aí, vive separada, afastada pelas nacionalidades ou pela cor; no palacete, todos se misturavam e se confundiam. Talvez não se amassem, mas viviam juntos, trocando presentes, protegendo-se, prestando-se mútuos serviços. Bastava, entretanto, que surgisse uma desinteligência para que os tratamentos desprezíveis estalasse de parte a parte” (p. 222).

Embora o tom geral do romance seja de revolta e denúncia, há espaço para notações líricas, como a descrição da chácara em que Isaías Caminha fora morar:

“O jardim, de que ainda restavam alguns gramados amarelecidos, servia de coradouro. Da chácara toda, só ficaram as altas árvores, testemunhas da grandeza passada e que davam, sem fadiga nem simpatia, sombra às lavadeiras, cocheiros e criados, como antes o fizeram aos ricos que ali tinham habitado. Guardavam o portão duas esguias palmeiras que marcavam o ritmo do canto de saudades que a velha casa suspirava; e era de ver, pelo estio, a resignação de uma velha e nodosa mangueira, furiosamente atacada pela variegada pequenada a disputar-lhe os grandes frutos, que alguns anos atrás bastavam de sobra para os antigos proprietários. [...]

Quando refletia assim, era tarde e, da janela do meu quarto, eu via bem a cortina de montanhas desde Santa Teresa ao Andaraí. O sol descambara de todo e a garganta da Tijuca estava cheia de nuvens douradas.

Um pedaço do céu era violeta, um outro azul e havia mesmo uma parte em que o matiz era puramente verde.

Olhei aquelas encostas cobertas de árvores, de florestas que quase desciam por elas abaixo até às ruas da cidade cortadas de bondes elétricos. Quantas formas já as cobriram; quantas formas já as não tinham pisado! Depois que a civilização viera, quantas vezes elas não tinham sido despovoadas, e perdido o seu tapete de verdura?! E pelos séculos, apesar dos cataclismos, das evoluções geológicas, da ação do homem, nem uma só vez aquela terra deixara de fazer surgir plenamente, nas ramagens das árvores e nas plumagens do passaredo, a energia vital que estava nas suas entranhas!” (pp. 221-3).

Na condição de contínuo do jornal, Isaías Caminha ostenta o seu conformismo:

“Vivia, então, satisfeito, gozando a temperatura, com almoço e jantar, ignobilmente esquecido do que sonhara e desejara. Houve mesmo um dia em que quis avaliar ainda o que sabia. Tentei repetir a lista dos Césares, não sabia; quis resolver um problema de regra de três composta, não sabia; tentei escrever a fórmula da área da esfera, não sabia. E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais” (p. 246).

Passado um ano, Caminha adaptara-se, chegando a ter orgulho de ser o que era.

Não estudou mais. Envolvera-se completamente com a vida do jornal.

Admirava-se do poder da imprensa. Via o jornal influir decisivamente sobre a opinião pública e o governo, criar e destruir reputações políticas e literárias. Diariamente, passava pela redação um cortejo de gente ilustre, que ia bajular os jornalistas na esperança de merecer uma nota favorável.

Esse poder fazia com que todos no jornal se sentissem superiores, do operário ao proprietário. E um pouco da consideração dispensada aos repórteres, articulistas e diretores sobrava para ele, um simples contínuo, que era tratado com deferência especial na pensão em que vivia, onde era chamado “jornalista”.

O Globo era um diário de oposição, dirigido pelo doutor Ricardo Loberant. O jornal, em pouco tempo de existência, conquistara uma posição de destaque entre os de maior tiragem, em virtude de sua linha editorial combativa. Os outros grandes órgãos de imprensa estavam comprometidos com o governo, enquanto *O Globo* assumia um tom acentuadamente crítico, denunciando escândalos públicos e privados, conquistando assim grande e rápida popularidade. O espírito de *O Globo* era transmitido pelo diretor, que exigia dos colaboradores a mesma acidez dos textos assinados por ele, textos em que desferia terríveis ataques aos “nossos problemáticos tiranos”.

Mas a imagem assumida para efeito externo, para o público, contrastava com o que acontecia no cotidiano do jornal. No espaço acanhado da redação, articulistas e repórteres negavam na prática o desinteresse e independência que ostentavam em seus escritos. Todos bajulavam ostensivamente o doutor Loberant, tinham-lhe grande medo,

aterrorizava-lhes a ideia de perder o emprego – o que era comum, pois o diretor agia em seu estabelecimento mais despoticamente que os “tiranos” criticados por ele. Isaías, testemunha do cotidiano da redação, foi compreendendo que a opinião do jornalista era, em primeiro lugar, a que interessava ao dono do jornal; em segundo lugar, vinha o seu próprio interesse pessoal.

O Globo chega ao apogeu por ocasião de uma revolta popular motivada por uma lei absurda, que o Parlamento esteve propenso a aprovar. Pretendia-se proibir o povo da capital da República de andar descalço nas ruas. *O Globo* encabeça uma campanha contra a lei, denunciando que se tratava de negociata para favorecer a indústria de calçados. A indignação popular vai sendo alimentada pelo jornal, até que explode com o boato de que o governo submeteria quem tivesse pés grandes a uma operação cirúrgica para diminuí-los. Durante alguns dias a cidade se transforma em praça de guerra. Bondes eram incendiados, a iluminação pública era destruída, bandos de populares enfrentavam batalhões policiais, havia troca de tiros e algumas vítimas inocentes tombaram mortas.

A vida de Isaías Caminha dá uma guinada em decorrência de uma tragédia acontecida na redação. Certa noite, o prestigiado Floc, responsável pela seção de Artes e Literatura, chega ao jornal por volta da meia-noite para escrever uma crônica sobre o espetáculo musical que acabara de assistir no teatro. A oficina dependia desse artigo para fechar a edição e pressionava o articulista. Floc não tinha facilidade para escrever, ato que lhe custava muito esforço e causava grande sofrimento, como Isaías já tivera

oportunidade de observar. Nessa noite, estavam na redação apenas o jornalista de artes e o contínuo. Floc fica transtornado porque o artigo não saía. Pedira cachaça a Isaías e bebera muito para ver se sua imaginação se soltava, mas o álcool parecia produzir efeito contrário ao desejado. Quando o paginador das oficinas cobra o texto pela terceira vez, Floc se levanta de sua banca, entra numa sala contígua e dá cabo da vida com um tiro de revólver.

Ao estampido da arma, correm para o gabinete Isaías, o paginador e dois operários da oficina; Floc ainda respirava, mas era tarde. No momento em que falecia o infeliz, entra na redação o jornalista de plantão, Adelermo Caxias, que se ausentara para jantar. Vendo a cena, chama Caminha a um canto, dá-lhe um endereço e pede-lhe para ir lá chamar o doutor Ricardo Loberant; solicita-lhe também que mantivesse segredo do que visse e ouvisse naquele local. Era um prostíbulo de luxo, a “casa da Rosalina”, onde Caminha encontra o diretor proprietário de *O Globo*, acompanhado de seu redator-chefe, o corrupto Aires d’Ávila, numa orgia desbragada.

Desde que fora surpreendido em plena farra pelo contínuo, Ricardo Loberant, vexado, passa a tratá-lo, de início, timidamente, depois, com amizade crescente. Conhecendo a história de Isaías, o diretor admira-se que o humilde funcionário tivesse estudado e fosse mais bem preparado que a maioria de seus jornalistas. Em pouco tempo, Isaías é promovido, passando a trabalhar na expedição, com aumento no ordenado. Passadas duas semanas da promoção, doutor Ricardo resolve testar Caminha como repórter, encarregado da seção Marinha e Alfândega.

A rápida ascensão de Isaías e as defêrências que recebe do diretor provocam a inveja e hostilidade de quase todos no jornal contra ele. No quinto dia de trabalho como repórter, estava numa repartição pública copiando algumas notas para redigir sua seção, quando um outro repórter as arrebatava de suas mãos. Caminha reclama com o diretor da repartição, que obriga aquele rival a restituir as anotações. Ao fazê-lo, porém, injúria Isaías, dizendo: “Tome, ‘seu’ moleque! Você saiu da cozinha do Loberant para fazer reportagem...”. Caminha, para espanto dos presentes, contém-se, mas por dentro sente ímpetos assassinos. Termina de copiar, leva as notas ao jornal e sai para a rua. Mal encontra o tal que o ofendera, atira-se sobre ele, esmurrando-o até deitá-lo por terra. Enquanto prestava depoimento na delegacia, Isaías sentia uma enorme satisfação interior.

De volta ao jornal, conta a briga a Loberant, que o convida a jantar. Desde então, todas as dificuldades desaparecem, todos enchem de consideração o “mulatinho” Isaías Caminha, que se torna íntimo de Ricardo Loberant.

Aos poucos, Isaías vai se soltando. Tímido e retraído de natural, começa a externar opiniões, dizer coisas, escrever artigos. Aprendendo os truques da profissão, logo se torna um rival aos olhos dos colegas. Passa a ter inimigos, sofrer intrigas.

Isaías foi humilde contínuo e, depois, jornalista, companheiro do poderoso doutor Ricardo Loberant, que o tratava com generosidade e afeto. Participa das pândegas, das noitadas de bebidas e mulheres, mas sempre sentindo-se um tanto deslocado.

“[...] para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres

do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras. Os homens são uns malandros, planistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos politicões; as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas. A indolência mental leva-os a isso e assim também pensava o doutor Loberant. Não tive grande trabalho em o fazer modificar o juízo na parte que me tocava. Mas não me dei por satisfeito. Percebi que me viam como exceção; e, tendo sentido que a minha instrução era mais sólida e mais cuidada do que a da maioria deles, apesar de todos os seus diplomas e títulos, fiquei animado, como ainda estou, a contradizer tão malignas e infames opiniões, seja em que terreno for, com obras sentidas e pensadas, que imagino ter força para realizá-las, não pelo talento, que julgo não ser muito grande em mim, mas pela sinceridade da minha revolta que vem bem do amor e não do ódio, como podem supor” (p. 274).

Quando, ao fim de cinco anos de trabalho em *O Globo*, Isaías toma consciência da corrupção generalizada que os bastidores da imprensa escondiam, sente um grande nojo por tudo. Sentindo necessidade de abandonar aquela vida falsa, decide pedir ao doutor Loberant sua nomeação para o lugar de escrivão da Coletoria Federal de Caxambi, no estado de Espírito Santo, que estava vago. Loberant resiste, considerava absurdo o desejo do amigo abandonar o Rio, internar-se no mato, mas acaba cedendo ao pedido e consegue, do ministro responsável, a nomeação.

Em Caxambi, numa sala de espera, Isaías Caminha lê um artigo que lhe desperta a ira e o faz decidir-se a escrever suas memórias,

para denunciar e combater o preconceito contra negros e mestiços.

Com essa disposição, narra os terríveis obstáculos que o impediram de realizar o sonho de fazer-se doutor, com a pena do ressentimento e um travo de amargura, em virtude de seu fracasso, que ele atribui não à sua condição biológica, mas aos imperiosos preconceitos sociais e culturais. Tão arraigados e generalizados são tais preconceitos, que chegam a ocasionalmente contaminar o próprio narrador.

ESTILO

As obras de Lima Barreto, quanto ao estilo de época, incluem-se no chamado Pré-Modernismo, que, na prosa, marca a transição entre as estéticas do Realismo e do Modernismo. *Recordações do escrívão Isaías Caminha* se amolda bem nessa noção. No geral, traz as marcas características do Realismo, mas ensaia, principalmente no plano da linguagem, alguns procedimentos que os modernistas adotaram e desenvolveram.

Do Realismo, Lima Barreto incorporou ao seu método criativo a observação direta da realidade social e psicológica, que é analisada segundo um espírito crítico acentuado e transfigurada por meio de detalhes reveladores. Lima Barreto herdou dessa estética o desejo de fazer da literatura uma forma de conhecimento do mundo e do homem.

Entre as várias correntes do Realismo, a de presença notável na obra em questão é a do Naturalismo, como se percebe nitidamente na frequência com que personagens são reduzidas à animalidade (zoomorfismo), na exploração de elementos grotescos e

chocantes e, principalmente, no aproveitamento de ideias da corrente cientificista conhecida por determinismo, para explicar certos fenômenos. Segundo essa corrente, que tem no crítico francês Hippolyte Taine o seu maior expoente, o homem é produto do meio, da raça e do momento, ou seja, ele é o que é por ser condicionado por fatores geográficos (meio), biológicos (raça) e histórico-culturais (momento).

Em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, Lima Barreto não manifesta tanto interesse pelo primeiro fator, mas valoriza o segundo e o terceiro. Tanto assim, que o ponto de partida do romance é a contestação da tese segundo a qual mestiços inteligentes na infância não confirmam essa virtude na idade adulta por serem biologicamente inferiores. Através de seu *alter ego* Isaías Caminha, Lima Barreto procura demonstrar que as injunções histórico-culturais é que determinam o fracasso desse tipo de pessoa. Seriam as condições sociais que explicariam o insucesso.

Tocado pessoalmente pelo preconceito, Lima Barreto fez de sua obra uma forma de literatura militante, de denúncia e combate. Essa disposição se materializa no uso sistemático da ironia, do humor e da sátira, que, não raro, desce à descompostura. O próprio autor reconheceu o aspecto “brutal” de sua linguagem, em passagens mais incisivas da obra, explicando-a pelo intuito que tinha de provocar escândalo.

Vários são os pontos que permitem aproximar o estilo da obra de procedimentos do Modernismo, destacando-se, entre eles, o antiacademicismo da linguagem. Lima Barreto tinha ojeriza à tendência beltrista que dominava a literatura de seu tempo, especialmente representada pelo

prosador de maior sucesso na época: Coelho Neto. Repugnava-lhe o rebuscamento léxico e sintático, tão apreciado nesse autor e em seus seguidores, e que ele considerava mascaramento de uma literatura oca e sem vida autêntica. Aborrecia-lhe a tirania gramatical, entendida como um conjunto de regras fixas que impediam o movimento mais livre da expressão. Compreendia a língua como um organismo vivo, que, como tal, não podia ser engessado, sob pena de se cair num artificialismo estéril. Para ele, a literatura devia tratar a língua como uma forma de comunicação sincera de ideias e sentimentos; não que achasse inútil a preocupação formal, mas esta não se deveria sobrepor ao conteúdo.

As seguintes passagens de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* ilustram a visão artística do autor, no contexto da literatura da época; são três excertos que apresentam elementos de crítica literária, metalinguagem e intertextualidade, que não deixam dúvidas sobre ela.

“Não sei como a conversa foi variar para a beleza. Ele riu-se da nossa opinião habitual dela, da insignificância do critério dos nossos literatos. Gente, disse-me ele, que vive perturbada, desejosa de realizar ideais de povos mortos, ideais que já se esgotaram; prisioneira da arqueologia, e muito certa de que a verdade está aí, como se houvesse uma beleza absoluta, existindo fora de nós e independente de nós” (pp. 107-8).

“Penso – não sei por que – que é este meu livro que me está fazendo mal... E quem sabe se excitar recordações de sofrimentos, avivar as imagens de que nasceram não é fazer com que, obscura e confusamen-

te, me venham as sensações dolorosas já semimortas? Talvez mesmo seja angústia de escritor, porque vivo cheio de dúvidas, e hesito de dia pra dia em continuar a escrevê-lo. Não é seu valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que almejo” (p. 119).

“Lobo enlouquecera e estava recolhido ao hospício. A sua mania era não falar nem ouvir. Tapava os ouvidos e mantinha-se calado semana inteira, pedindo tudo por acenos. Ao médico que lhe perguntou por que assim procedia, explicou, a muito custo:

– Isto não é língua... Não a posso ouvir... Tudo errado... Que vai ser disto!

– E por que não fala?

– Os erros são tantos, e estão em tantas bocas, que temo que eles me tenham invadido e eu fale esse calão indecente...

E vivia calado pelos corredores, lendo a *Ensynança de bem cavalgar* de El-Rei Dom Duarte. Às vezes, entusiasmava e lia alto: ‘Ca som alguñs boos cavalgadores dñas selas queo nom som doutras’.

Um colega de manicômio, ao ouvir tão linda coisa, perguntou ao gramático:

– Que língua é esta?

Vendo de que maneira insólita era tratada tão interessante obra, Lobo atirou o livro ao chão e encheu de murros a cara do companheiro de infortúnio” (pp. 279-80).

Orientando-se por essas considerações, Lima Barreto buscou conscientemente uma linguagem despojada, feita de frases curtas, sintaxe ágil e vocabulário, em geral, bastante simples. Valorizou a expressão prosaica e popular, tão cara aos modernistas de 22.

REFERÊNCIAS

ASSIS BARBOSA, Francisco de. *A vida de Lima Barreto*. 7ª ed. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1988.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo, Brasiliense, 1956.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.